



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

EXISTE UMA GRANDE DISTÂNCIA ENTRE AS PRÁTICAS POLÍTICAS E A REALIDADE SOCIAL.

ESTAMOS VENDO NO BRASIL A INSATISFAÇÃO POPULAR VINDO À TONA SEM PRECISAR PEGAR CARONA EM COMÍCIOS, EM ATOS PARTIDÁRIOS, EM CONVOCAÇÕES FORMAIS.

OS JOVENS SIMPLEMENTE ESTÃO DIZENDO QUE RECEBEM UM SERVIÇO INADEQUADO.

NUNCA HOUE NADA PARECIDO PELA AMPLITUDE NO PAÍS. É UMA EXPERIÊNCIA REALMENTE NOVA NA POLÍTICA DE MASSAS NO BRASIL.



(Fontes: O Globo, 22/6/2013; O Estado de São Paulo, 19/6/2013; Folha de São Paulo, 30/6/2013)

REFLEXÕES PARA O DIA SEGUINTE Uma coisa é clara nas manifestações que explodiram pelo país. Existe uma grande distância entre as práticas políticas e a realidade social. Outro dado fundamental é que as redes sociais são o mais novo canal de prática política. Leio textos, ensaios, entrevistas e críticas publicadas nos jornais do país e deixo aqui algumas reflexões que chamaram minha atenção.

ZUENIR O escritor e jornalista Zuenir Ventura lembra que “(...) ninguém esperava que esses jovens, tidos pelos estereótipos como alienados, seriam justamente aqueles capazes de acordar o gigante adormecido e de devolver ao país o ânimo de poder mudá-lo. E isso sem a máquina do Estado, sem a cobertura dos sindicatos, dos partidos nem das organizações sociais”. (O Globo, 22/6/2013)

RÓNAI Em sua coluna, a jornalista Cora Rónai escreveu: “(...) estamos vendo no Brasil o que se viu em alguns lugares do mundo: a insatisfação popular vindo à tona sem precisar pegar carona em comícios, em atos partidários, em convocações formais. Ao contrário do que imaginavam os críticos da rede, o ciberativismo não se esgota em si mesmo. As manifestações mostram que há um ponto de interseção entre a vida virtual e a vida real”. (O Globo, 22/6/2013)

GIANNOTI O filósofo José Arthur Giannotti também trouxe sua contribuição para o debate. Segundo ele, “(...) os jovens simplesmente estão dizendo que recebem um serviço inadequado e que não encontram canais políticos para exprimir suas insatisfações. Trata-se de uma crise de representação. Se eles estão subordinados ao ritual das eleições periódicas, essas pouco dizem respeito às suas vidas cotidianas”. (O Estado de São Paulo, 19/6/2013)

FRANCISCO OLIVEIRA Na visão do fundador do PT, o sociólogo Francisco de Oliveira, “(...) nunca houve nada parecido pela amplitude no país. É uma experiência realmente nova na política de massas no Brasil (...) os políticos e os partidos estão completamente fora, o que é um fator inédito no país (...) uma interpretação provisória e hesitante é que isso faz parte desse ciclo que se abriu de muita euforia. Parecia que tudo estava resolvido no Brasil. O PT e o Lula criaram uma euforia falsa, isso não se aguenta. Euforia de consumo financiada por bancos tem perna curta”. (Folha de São Paulo, 30/6/2013)

JANIO DE FREITAS O jornalista Janio de Freitas entende que “(...) as manifestações provocadas pelas passagens de ônibus já trouxeram resultados muito além de sua motivação. A partir de R\$ 0,20 nas passagens estamos discutindo questões institucionais complexas. Seja o que for que daí resulte, esses temas não terão recuo”. Janio classificou de “gloriosa exibição de cinismo coletivo” a repentina eficiência da Câmara e do Senado, segundo ele “(...) demonstrada até na quantidade de horas de atividade parlamentar, além das aprovações de projetos já amarelados pelo tempo e pela perversão política”. (Folha de São Paulo, 30/6/2013)

ROSISKA DARCY A escritora Rosiska Darcy de Oliveira escreveu: “(...) existe um abismo que separa a sociedade brasileira dos seus representantes, deixando no ar o inadiável repensar do sistema político que perverte a democracia representativa”. (O Globo, 22/6/2013)

MANUEL CASTELLS Em entrevista para o jornal O Globo (30/6/2013), o sociólogo catalão Manuel Castells disse que boa parte dos políticos é de “burocratas preguiçosos”. Segundo ele, “(...) o movimento no Brasil é contra a corrupção e a arrogância dos políticos, em defesa da dignidade e dos direitos humanos – aí incluído o transporte. Os movimentos colocam a dignidade e a democracia como meta, mais do que o combate à pobreza (...) e são contra o monopólio do poder por parte de partidos altamente burocratizados”.

IDEOLOGIA DO CRESCIMENTO Castells chama a atenção ainda para o fato de as manifestações serem também contra o crescimento econômico que não cuida da qualidade de vida “(...) eles são contra a ideia de crescimento pelo crescimento, o mantra do neo-desenvolvimento da América Latina, seja de direita ou de esquerda (...) a ideologia do crescimento como solução para os problemas sociais foi desmistificada”.

MUITO MAIS QUE O VOTO Para Manuel Castells, os cidadãos só apontam os problemas: “(...) resolvê-los é trabalho para os políticos e técnicos pagos pelos cidadãos para fazê-lo”. Ele diz ainda que “(...) partidos são universalmente desprezados pela maioria das pessoas. A culpa é dos políticos. Eles acreditam que seus cargos lhes pertencem, esquecendo-se que são pagos pelo povo”. Castells entende que a “democracia não é só votar de quatro em quatro anos na base de uma lei eleitoral trapaceira”.

GRITO O povo gritou alto e em bom som. Disse que quer serviços de qualidade. Deixou claro que não vai tolerar a corrupção e quer os corruptos na cadeia. Resta às instituições democráticas e representativas atender. Afinal, reza a bíblia da democracia que a voz do povo é a voz de Deus. Portanto, é hora de botar a mão na massa e construir novos caminhos dentro da cartilha da eficiência, transparência e honestidade.